

POLÍTICA

ALÉM DA NOTÍCIA

Sarney não é julgado

○ Presidente República passa pelo primeiro teste eleitoral: a campanha nas capitais com a divulgação das pesquisas, passa ao largo da discussão sobre os grandes temas governamentais, como que isentando o Chefe do Governo de ter responsabilidade direta pelas mazelas administrativas e pela crise econômica que o País sofre. Como não tem partido nitidamente fixado, o presidente Sarney não está sendo julgado, nem será plebiscitariamente questionado nas urnas de novembro.

Com essa espécie de salvo conduto para poder ultrapassar os próximos três meses de campanha, o Sr. José Sarney poderá cuidar firmemente da administração do caos da União, e gerar as condições para implantar seu próprio partido de sustentação político-parlamentar: nenhum dos atuais terá garantida a unidade após 15 de novembro. O povo brasileiro elege nomes, e não vota em partidos.

O presidente Sarney, individualmente, é um homem público com traços fortes de liderança. Derrotou uma oligarquia sacral no Maranhão — a do Sr. Vitorino Freire — numa campanha ao seu tempo progressista e reformadora. Até suspeito de praticar o esquerdismo no Governo, o Sr. Sarney por pouco escapou da cassação, assim como o então deputado Tancredo Neves, que praticamente estariam na mesma lista de punidos — a de 69.

Hoje, à frente do poder central, o Presidente não teve ainda espaço para demonstrar sua vocação para a liderança e a chefia, porque o Governo não é seu, e os homens do Ministério escolhidos fora de sua lavra. Basicamente, o Presidente da República só foi ouvido pelo Sr. Tancredo Neves na indicação dos Ministros da Ciência e Tecnologia — assim mesmo para não melindrá-lo, e da Cultura, o atual governador de Brasília, José Aparecido de Oliveira, que é a maior ligação afetiva do Sr. José Sarney dentro do Governo.

Outro dia, em jantar no Palácio da Alvorada com o mesmo Sr. José Aparecido de Oliveira e com o senador Itamar Franco, o Presidente teve a oportunidade de relembrar a diretriz de seu antecessor, que afirmava não poder o Presidente da República negociar a indicação do seu chefe do Gabinete Civil, do seu Ministro da Fazenda e do Governador do Distrito Federal. Ocorre que até agora o Presidente só fez dois desses três parceiros leais. Deve-se esperar que faça o terceiro, quando Minas sossegar.

CAMPOS DIZ NÃO A BOMBA

O senador Roberto Campos, que vem sendo privilegiado pelo presidente Sarney com atenções especiais — inclusive a nível da política de Mato Grosso — vem dando uma opinião inteiramente contrária à nuclearização brasileira. Diz ele que as instalações necessárias ao armazenamento e ao transporte das bombas nucleares teriam um custo idêntico ao da atual dívida externa. E para jogá-la em quem — na desvalida argentina...?

LEONARDO MOTA NETO